

Novas idéias para dívida latina

Washington — George Bush estará aberto a novas iniciativas para solucionar o problema da dívida externa da América latina, mas uma infusão de novos capitais e todo mecanismo que seja visto como dirigido a “salvar os bancos” serão impedidos pelas dificuldades financeiras domésticas, segundo um de seus principais assessores em política externa.

O general da reserva Brent Scowcroft, ex-assessor de Segurança da Presidência, afirmou recentemente que Bush reconhece a impossibilidade de os países latino-americanos continuarem exportando capitais para atender o serviço de sua dívida externa, como vêm fazendo desde 1982 a um ritmo de cerca de 25 bilhões de dólares por ano.

“Isto tem de mudar” — enfatizou Scowcroft, que, segundo espera-se, ocupará uma alta posição no governo do novo presidente norte-americano.

Contudo, Scowcroft acha que Bush evitará iniciativas que constituam de fato um “salvamento dos bancos”, o que descarta, a princípio, as idéias dirigidas a refinanciar a dívida do Terceiro Mundo, através de organismos oficiais com “dinheiro dos contribuintes”.

Plano Baker

Bush, durante sua campanha, tocou no assunto da dívida externa somente uma vez, ao responder a uma pergunta durante seu primeiro debate televisado com Michael

Dukakis. Limitou-se a assegurar que continua considerando o Plano Baker como o instrumento adequado para buscar uma solução.

Scowcroft reconheceu, contudo, que o Plano Baker “tem sido inadequado em relação à infusão de novos capitais nos países endividados, acrescentando que encontrar esses capitais “é a pergunta fundamental”.

“Creio que Bush buscará a cooperação de amigos e aliados na Europa e no Pacífico (Japão) a fim de estudar um enfoque cooperativo para esse sério problema” — disse Scowcroft.

O Plano Baker reconhece a necessidade de estimular o crescimento dos países endividados, mas preconiza ao mesmo tempo severos programas de ajuste.

No entanto, ultimamente os Estados Unidos se distanciaram do enfoque estrito do Plano Baker e usaram “dinheiro dos contribuintes” para facilitar empréstimos-ponte à Argentina e ao México, enquanto reconhecia a boa orientação dos programas de ajuste aplicados por esses países.

Esperanças

Essa linha, implantada pelo ex-secretário do Tesouro, James Baker — que renunciou para dirigir a campanha de Bush e será o novo Secretário de Estado — oferece esperanças de uma evolução que tende a envolver os Estados Unidos em um novo enfoque do problema da dívida externa.

Outros temas concernentes à América Latina, que foram abordados por Bush durante sua campanha, são o tráfico de drogas, que interessa a todo o eleitorado dos Estados Unidos, e à América Central, o México e Cuba, que afetam setores específicos da população.

Bush estima que o tráfico de drogas é um dos problemas mundiais que nenhum país está em condições de resolver por si mesmo, e nos quais se impõe a necessidade de buscar um enfoque de cooperação.

O vice-presidente, que esteve envolvido pessoalmente na luta antidrogas da administração Reagan, prometeu designar seu vice-presidente Dan Quayle para encabeçar um grupo ministerial que intensifique a guerra contra o tráfico e dirija as campanhas de educação e prevenção.

Bush tem dito que fará todo o possível para fortalecer os laços dos Estados Unidos com o México e tratará de incluir esse país no Pacto de Livre Comércio, firmado com o Canadá.

Bush defende a política do presidente Ronald Reagan na América Central, mas, embora acredite que os contras são necessários para pressionar os sandinistas, está muito claro que não será nada fácil obter nova ajuda militar para os rebeldes em um Congresso dominado pela oposição democrata, segundo declarou Scowcroft.